

O livro na “literatura periférica”:

Lendo o texto e o objeto livro em Notícias Jugulares, de Dugueto Shabazz

Carolina de Oliveira Barreto¹

RESUMO: Neste trabalho, por meio da leitura de **Notícias Jugulares**, de Dugueto Shabazz, pretende-se discutir qual seria a importância e o papel do objeto livro para a “literatura periférica”. Para isso, será discutido brevemente de que forma os *mass media* e os novos suportes de leitura influenciam a produção e a edição das obras literárias.

Palavras-chave: Dugueto Shabazz; “Literatura periférica”; *Mass media*; Objeto livro.

1. O livro em cena

Para iniciar este texto, cito Calvino, em curto texto que introduz seu livro **Seis propostas para o próximo milênio**:

O milênio que está para findar-se viu o surgimento e a expansão das línguas ocidentais modernas e as literaturas que exploraram as suas possibilidades expressivas, cognitivas e imaginativas. Foi também o milênio do livro, na medida em que viu o objeto-livro tomar a forma que nos é familiar. O sinal talvez de que o milênio está para findar-se é a frequência com que nos interrogamos sobre o destino da literatura e do livro na era tecnológica e pós-industrial (CALVINO, 2008, p. 11)

As dúvidas levantadas por Calvino surgem das novas relações que passam a ser estabelecidas entre leitor e texto, no momento em que novas tecnologias abalam as certezas em torno do suporte de leitura. Contudo, é necessário dizer, que mesmo na incerteza, o livro continua a existir e a cumprir a sua função de servir de suporte material para o texto, ou seja, continua a existir como uma mídia com uma função específica e que, talvez, por isso, ainda não foi completamente substituída. Podem dizer que há pouco surgiu uma oferta maior de áudio-livros², que há venda de e-books pelo site de algumas editoras, textos disponibilizados para

¹ PPG-Letras Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora.

² Aqui considero o áudio-livro, pois ele implica em outro tipo de leitura, na qual o escrito passa a ser verbalizado, elencando outras competências desse leitor. Contudo, por haver uma interpretação na gravação, isso pode vir a limitar um pouco, a meu ver, a capacidade de intervenção do leitor no texto que para ele é apresentado. Ao lado disso, é necessário dizer que o áudio livro é destinado não só à apreciação do leitor acostumado à mídia livro, mas também como forma de acesso para aqueles que possuem alguma deficiência visual e têm no suporte áudio-livro, assim como no livro escrito em Braille, uma alternativa de ter contato com a literatura escrita. Assim vê-se que há diferentes funções para um mesmo suporte. Contudo, utilizar o áudio livro como forma de substituição do ato da leitura, eliminando o contato individual do leitor com o livro, como

downloads em web sites, em blogs, entre outros, mas o livro como o conhecemos, “um objeto específico, diferente de outros suportes do escrito, como uma obra cujas coerência e completude resultam de uma intenção intelectual ou estética (CHARTIER, 2002, p. 110)”, ainda permanece como boa parte das vendas.

Desse modo, surge outra questão: se o critério é a vendagem, como se avalia o conteúdo dessas obras? Qual é o trabalho de linguagem que perpassa o texto? Há uma preocupação em se trabalhar a linguagem, explorando “as suas possibilidades expressivas, cognoscitivas e imaginativas”? Essas perguntas, em conjunto revelam que a literatura, incluindo o livro, seu suporte midiático por excelência, sofrem influências de diversos fatores que estão aparentemente externos a ela, mas que por fim acabam por interferir diretamente nos seus modos de produção, edição e apreciação entre os leitores, vistos também, neste contexto, como consumidores. Desse modo, as relações entre leitor e texto dependem da interseção entre o suporte de leitura (objeto livro, áudio-livro, e-book, entre outros) e os critérios utilizados para colocar o livro em circulação, os quais dialogam com questões estéticas, políticas e econômicas, como o custo do produto final para o consumidor, qual mídia facilita e barateia a comercialização do texto, o que atende ao gosto da maioria dos consumidores, o lucro obtido pelas editoras³, o que deve (e pode) chegar ao conhecimento de grande parte dos leitores⁴. Assim, considerar o conteúdo abstrato do livro separado de seu suporte, não é a melhor forma de se entender as incertezas apontadas no texto de Calvino citado acima. Para exemplificar o que foi dito, basta pensar que, dependendo da mídia escolhida, uma editora pode privilegiar um grupo de leitores e excluir outro⁵ e que, dependendo do preço final do suporte de leitura, o texto literário, torna-se inacessível para um grande número de pessoas.

Acredito que a questão estética, a do suporte e o do preço final são colocadas em discussão pela “literatura periférica”. Para isso, escolhi o livro **Notícias Jugulares**, de Dugueto Shabazz, no qual, pela escolha do suporte para a veiculação das idéias nele contidas, levanta essa discussão acerca do livro e seu conteúdo abstrato, para desaguar em outra: por

uma alternativa mais prática que a leitura, é algo discutível. Assim, vê-se que o suporte em si não é bom nem mau, isso irá depender dos fins para os quais ele será utilizado (cf. Walter Benjamin (2005) para uma discussão mais ampla desse assunto).

³ Nesse caso me refiro, especialmente, às grandes editoras, que contam com sistema eficiente de distribuição do livro por livrarias de diferentes lugares, em uma escala bem maior que a das pequenas editoras, as quais dependem principalmente do autor para que as obras circulem de mão em mão.

⁴ Não há, devido aos limites desse trabalho, a intenção de aprofundar todas essas questões. Irei apenas focar aquelas que contribuam diretamente para a leitura do “Manifesto Jugular”, a qual será iniciada mais adiante.

⁵ Para uma informação resumida acerca de dados coletados pelo IBGE entre os anos de 2005 e 2008, cf. no site http://www.ibge.gov.br/brasil_em_sintese/default.htm.

que escolher o objeto livro “[...] numa época em que outros *media* triunfam, dotados de uma velocidade espantosa e de um raio de ação extremamente extenso” (CALVINO, 2008, p. 58)? Dentre as principais idéias nele contidas, destaco a concepção de livro para esse autor, a forma como constrói a linguagem perpassada ao longo do livro, as críticas ao conteúdo e à forma de abordagem desses nos jornais televisivos e escritos.

Antes de partir para a análise de **Notícias Jugulares**, penso que é importante fazer alguns comentários acerca da relação entre a “literatura periférica” e o objeto livro. Para por seus textos em circulação, os autores da “literatura periférica” contam com blogs, com web sites, com revistas e também com os livros que publicam. Contudo, a meu ver, o objeto livro, por estar associado diretamente à cultura letrada e por ser o suporte de leitura tradicionalmente por ela adotado, traria em si um valor simbólico relacionado à legitimação do local de enunciação da “literatura periférica”. Digo isso, pois somente na década de 1960, com as campanhas de popularização do ensino, indivíduos de camadas marginalizadas⁶ da população puderam ter acesso à escola e puderam se tornar leitores. Contudo, esses leitores têm, de acordo com o que disse Allan da Rosa, em entrevista ao programa *Entrelinhas*, “uma história de relação com a leitura que não é a mesma que sempre trilhou os caminhos normais da escolaridade, [...] a gente ainda tem muito espinho na mão quando vai catar um livro, a gente tem medo de livro” (ROSA, 2009). Desse modo pode-se colocar em dúvida a eficácia e o alcance dessas campanhas de popularização do ensino. Muitas focaram somente o aprendizado do código da língua escrita e, por isso, o aprendizado da leitura consistia somente na decodificação da palavra escrita. Assim, a leitura como prática crítica e reflexiva estava distante do objetivo principal dessas campanhas. Assim, a formação desses leitores a partir da década de 1960, tomando a palavra “leitores” em seu sentido mais amplo, é algo que tem ocorrido, na maioria dos casos, fora do ambiente escolar, à margem do sistema de ensino. Considerando o que foi dito, tornar-se um escritor e publicar livros que coabitam as estantes das livrarias ou as estantes dos leitores com autores, cuja formação não passou pelos “percalços da alfabetização” (SANTIAGO, 1982, p. 29) é uma forma de mostrar que a “literatura periférica” é tão legítima quanto àquela que já faz parte de uma certa tradição na literatura brasileira. Além disso, a circulação dos textos dos autores vinculados a essa produção literária, pelo que pude perceber ao longo de entrevistas e depoimentos, depende das

⁶ Gostaria de retomar aqui o que diz Torres (2004) sobre a “margem e a “periferia”: “da mesma forma que usamos o termo “marginal”, aplicamos a expressão “periferias”, não como designação territorial, mas como indicação de segmentos sociais [...]” (TORRES, 2004, p. 131).

pequenas editoras em sua maioria, como as Edições Toró e o Selo Povo⁷, pois elas teriam alcance, pelo trabalho de venda “mão a mão”⁸, onde as grandes editoras dificilmente conseguiriam chegar, “como o alto da ladeira, os becos e as vielas” (ROSA, s/d). Com exceção de Ferréz que publicou quatro de seus livros pela editora Objetiva⁹, com exceção da antologia **Literatura Marginal**, organizada por esse mesmo autor, publicada pela Agir em 2005 e, também, com exceção da coleção **Literatura Periférica** da editora Global que conta com cinco títulos¹⁰, a maioria dos autores conta principalmente com as pequenas editoras para a publicação de seus livros; contudo, ainda conseguem criar um público leitor que terá contato com as reflexões propostas por esses textos.

Ao lado do alcance diferenciado por essas pequenas editoras, percebe-se também que há interesse em cativar público leitor dentro das periferias, pois há uma preocupação em se reduzir o valor do produto final para que não haja uma barreira econômica que impeça a aquisição dos livros pelos leitores moradores das periferias nas quais esses autores atuam. Além disso, mesmo que não seja o objetivo principal dos autores ou dos editores, o preço acessível facilita a circulação desses livros fora das periferias. Essa postura em relação à literatura numa época, que segundo Bourdieu, avançam os “publishers” e o “populismo literário”, “os editores que não sabem ler, sabem contar” (BOURDIEU apud GARCIA CANCLINI, 2008, p. 21), significa, a meu ver, que essa editora não tem como finalidade de seu trabalho o lucro, mas sim trabalhar em conjunto com o autor para que este tenha o seu texto circulando entre seus leitores. A respeito disso, cito a passagem a seguir da entrevista concedida por Allan da Rosa ao programa Entrelinhas da TV Cultura, na qual fala sobre as Edições Toró e o custo da edição:

Entrevistador: Mas como é que é a relação do autor com a editora? Tem uma divisão de custos? Tem direito autoral?

Allan da Rosa: A primeira tiragem é sempre de seiscentos exemplares. 520 vão pro autor e o outro se vira, vende na rua e o dinheiro é dele. Não tem aquela de 8% do valor é seu. Melhor ainda quando a gente conseguiu o apoio municipal, a gente ganhou o prêmio da secretaria municipal de cultura, que deu pra custear 70 a 75% do valor de impressão gráfica. Então, o Rodrigo Ciríaco, o Daniel, eles não pagaram por um processo gráfico como eu, como o Ridson Dugueto¹¹, como a Dinha, como o Silvio Diogo pagamos (ROSA, 2009).

⁷ Allan da Rosa, ao lado de Mateus Subverso, entre outros que participam das etapas da editoração, são responsáveis pelas Edições Toró. Ferréz, assim como a equipe com a qual trabalha, representam o Selo Povo.

⁸ O livro **Vão**, de Allan da Rosa, publicado pelas Edições Toró, chegou a vender 1600 exemplares “só mão a mão” (ROSA, 2009).

⁹ **Capão pecado**, **Manual prático do ódio**, **Amanhecer esmeralda** e **Ninguém é inocente em São Paulo**.

¹⁰ **O colecionador de pedras**, de Sérgio Vaz; **Da cabula**, de Allan da Rosa; **De passagem mas não a passeio**, de Dinha; **85 letras e um disparo**, de Sacolinha; **Guerreira**, de Alessandro Buzo.

¹¹ Dugueto Shabazz também assina suas obras como Ridson, como se pode verificar em **Notícias jugulares** (2006) e na antologia **Literatura Marginal** (2005), respectivamente. Nesse entrevista, Allan da Rosa se refere a esse mesmo autor como Ridson Dugueto.

Pelo fato de não haver distribuidoras, entre outros intermediários, entre o autor e o leitor, entre a editora e o leitor, isso permite que o preço seja acessível. Como um outro fator diferencial, o trabalho das Edições Toró possui uma característica interessante, sobre a qual se lê em outro trecho dessa mesma entrevista. Neste Allan da Rosa fala a respeito da concepção gráfica do objeto livro (capa, miolo e acabamento) nas publicações das Edições Toró:

A feitura de cada livro, ela se relaciona com o texto... Não é capricho, cara. Não é acessório. O subúrbio, o povo negro, o povo indígena, têm uma história de relação com a leitura que não é a mesma que sempre trilhou os caminhos normais da escolaridade, manja? Então, a gente precisa fazer livro bonito, atrativo, porque a gente ainda tem muito espinho na mão quando vai catar um livro, a gente tem medo de livro. Então a gente precisa, pra que quando aquela pessoa fala “não gosto de ler”, olhe seu livro e fale “pô, mas deixa eu pegar, deixa eu folhear”. Isso é necessário, não é acessório, não é algo secundário (ROSA, 2009).

É interessante notar que Allan da Rosa retorna a essa declaração em outros contextos em que é convidado a falar sobre a literatura feita nas periferias da cidade de São Paulo, como a entrevista concedida ao programa Nossa Língua, também da Rede Cultura, e no documentário “Vaguei os livros, me sujei com a m... toda”, do qual participa do projeto de concepção junto a Akins Kint e Mateus Subverso. O interesse em contornar a “história de relação com a leitura que não é a mesma que sempre trilhou os caminhos normais da escolaridade”, criando livros que chamem atenção pelo cuidado em sua concepção como objeto, com a finalidade de diminuir o “medo de livro”, demonstra que o apuro do elemento estético é uma exigência não só do social, mas também uma forma de despertar o interesse e a sensibilidade do leitor que se via apartado dos livros. Por isso, de acordo com o que diz Allan da Rosa na entrevista concedida ao programa Nossa Língua, é preciso buscar uma “forma artesanal, amável, amante de fazer um livro”.

Dugueto Shabazz, autor cujo livro será aqui analisado, possui um texto publicado na antologia **Literatura Marginal**, “Epidemia”, o qual também se encontra em **Notícias Jugulares**, publicado pelas Edições Toró em 2006. Ao comentar sobre o livro de Dugueto, Allan da Rosa chama atenção para a feitura do objeto, de acordo com o texto a seguir:

Allan da Rosa: [Sobre o livro **Notícias Jugulares**, de Ridson Dugueto/Dugueto Shabazz] Esse livro... o Mateus Subverso, isso aqui é uma fonte grafitada pro livro do Ridson Dugueto. O Mateus fez letra por letra, acento por acento, e transformou isso numa fonte digitalizada.

Entrevistador: Quer dizer, ele criou uma fonte.

Allan da Rosa: Criou uma fonte grafitada. E a gente saca, meu, que a gente tem um mundo pra aprender ainda de artes gráficas no computador [...]. Então, você trabalhar no computador, também não quer dizer que você vai fazer um trabalho quadrado (ROSA, 2009).

A fonte grafitada aparece no “Manifesto Jugular”, na parte intitulada de “Rápido e rasteiro”, a qual traz as poesias “duguetto”, ou seja, letras de rap. A parte que reúne os contos/crônicas, “Quem reconta um conto acerta os pontos”, é impressa com tipos comuns, os quais são trazidos pelos programas de editoração gráfica, associando-os às crônicas de jornal. Contudo, de acordo com a proposta contida no título, os contos/crônicas que se apresentam em **Notícias Jugulares** pretendem reler o cotidiano da periferia a partir do ponto de vista do autor, diferenciando daquele veiculado pelos meios de comunicação, especialmente o jornal escrito. De outro modo, em “Rápido e rasteiro”, não só o que é enunciado remete ao cotidiano da periferia, pois a fonte de Mateus Subverso traz em si a marca do grupo que enuncia, uma vez que o graffiti faz parte da cultura Hip Hop, assim como o rap, cujas letras são classificadas dentro do livro como poesia “duguetto”. Ambos, rap e graffiti, se associam nesta parte de **Notícias Jugulares**, trazendo para a mídia livro elementos da música (letra da música e, durante a leitura silenciosa ou em voz alta, o ritmo) e das artes gráficas (o estilo do traço sobre os muros), mostrando que o suporte de leitura pode dialogar, a partir dos pontos de interseção, com outras formas de expressão artística, as quais possuem outros *media* como veículo.

Além da fonte grafitada, o livro conta com outros elementos que dialogam com a sua proposta. A lombada, parte da capa e da quarta capa são cobertas por um adesivo, cujo fundo traz uma imagem de “classificados” de jornal, lugar onde há anúncio de compra e venda, de prestação de serviços, em suma, de anúncios que envolvem algum tipo de comércio. A capa apresenta uma ilustração, na qual há um homem escrevendo à luz de uma vela, na quarta capa, há um texto que veicula a proposta das Edições Toró:

Cada gota destas Edições Toró é ácida e doce. Vem na pegada do revide das bordas da cidade.
 [...] Jogando um caldo de gana na ferrugem do ibope, vêm nossas letras ritmadas.
 Lá holofote e maquiagem saturada, aqui gambiarras e suor. Lá shopping, aqui feira.
 [...] A falange Toró trincando a ração de estrelas mofadas que desfilam nos cadernos de cultura e variedades, os heróis de encomenda falhados por empresários do entretenimento. A Toró cavucando lá nas ilhas do centro, que indiretamente por antenas e cartilhas chegam por aqui. Mas, principalmente, Toró fertilizando o asfalto das nossas ladeiras enlameadas na punção do curto-circuito. Longo circuito das margens nossas, único lugar de onde podem chegar as mudanças, as novidades tão antigas.

Haver um adesivo similar aos “classificados” de um jornal unindo a capa à quarta capa pode parecer contraditório. Contudo, o contraste que se estabelece entre o jornal e os elementos que dialogam com o conteúdo do livro, mostram que, em **Notícias Jugulares**, são trazidos para perto elementos considerados como “inimigos”, como adversários da proposta das Edições Toró, assim como da “literatura periférica. Desse modo, quando o adversário está perto, é mais fácil se apropriar de seus elementos para desconstruí-lo de maneira crítica, conhecendo

suas lacunas e nelas atuando com o objetivo de buscar um discurso na tensão com elementos do adversário, que não se limite à pura imposição de si perante o outro, mas que busque a reflexão não só sobre o outro, mas sobre si próprio. Assim a mídia livro se tronaria um lugar que traria para si elementos do jornal para discuti-los em seu interior a partir dos textos, da utilização das fontes, da concepção da capa, entre outros elementos que fazem parte da concepção de **Notícias Jugulares**, unindo de maneira intrínseca a feitura do suporte de leitura e a feitura dos textos que o compõem.

2. Ser o contrário não é o suficiente: o livro e a linguagem no “Manifesto Jugular”

Para iniciar a próxima discussão, cito Dugueto Shabazz em seu “Manifesto Jugular”:

Notícias Jugulares...um livro que cheira favela...Livro?!! Sinceramente... pode ter até outros nomes se eles lá não acharem que merece ser chamado de livro. Aqui a voz de lá é surda e não faz eco. Legitimidade e sucesso têm significados muito distintos por aqui... talvez um pasquim esse panfleto, todo codificado, apológico do black power latino, do orientar do pensamento e da incitação do fundamental. Mero tablóide. Mas orgulhoso de não ser a Veja (Veja que mentira!!!) ao contrário. A fita é tão louca que até ser o contrário deles é medíocre... vai vendo. Isso aqui é LITERATURA MARGINAL e ponto final (SHABAZZ, 2006, p.14).

Ao questionar a classificação de livro para **Notícias Jugulares**, o autor contrapõe as características do objeto livro que serve de suporte para seu texto às características tradicionais de um livro. O aspecto artesanal da fonte e do o adesivo colado depois do miolo ser fixado à capa seriam, inicialmente, dois elementos importantes por explicitar essa diferença. Outro fator de diferenciação desse objeto é o barateamento da impressão e do acabamento sem perder a qualidade, para reduzir o preço do produto final e torná-lo acessível a um número maior de leitores dentro das periferias e, por conseqüência, fora delas. Assim, ao agregar acabamento diferenciado e baixo valor de venda, esse modo de se fazer o livro contraria a lógica do mercado editorial, que, ao se esmerar no acabamento de um livro, termina por cobrar um valor alto o suficiente para marcar esse diferencial do objeto e torná-lo exclusivo, acessível a um pequeno número de leitores com poder aquisitivo suficiente para adquiri-lo. Assim, de acordo com o que foi visto na fala de Allan da Rosa sobre a função do acabamento artesanal, bem como, a do cuidado com a edição, o apuro estético do objeto livro está diretamente vinculado a uma função política, que é a de torná-lo mais atrativo, podendo despertar a vontade de ler dos que ainda “tem espinhos nas mãos” (ROSA, 2009) ao pegar um livro.

Tendo em vista a função do diferencial estético desse exemplar editado pelas Edições Toró, passo a comentar o texto veiculado por esse suporte e as relações estabelecidas entre

ambos. Dugueto propõe deslocamentos dos textos de **Notícias Jugulares** por outros tipos diferentes de mídia escrita, como o pasquim, o panfleto e o tablóide, todas vinculadas a um conteúdo subversivo e/ou sensacionalista. Desse modo, o texto de Dugueto, ao se deslocar, iria se apropriar de características pertencentes ao pasquim, ao panfleto e ao tablóide e ao teor de sua leitura, para recriá-las ao longo do percurso, pois “A fita é tão louca que até ser o contrário deles é medíocre...”. Assim, o subversivo e o sensacionalista do conteúdo dessas mídias serão revertidos, pelo trabalho do escritor, uma linguagem com alto poder de interpelar o seu leitor, de convocá-lo a tomar uma posição diante do que é lido, com o objetivo de assim estimular a atitude crítica de quem lê. Por meio dessa linguagem o autor expõe a sua versão dos fatos que ocorrem na periferia, ou seja, cria literariamente um contexto em que é possível reler e reconstruir pela palavra escrita a versão apresentada por esses tipos de mídia escrita.

Dugueto contrapõe a esses suportes de leitura (pasquim, panfleto, tablóide) à revista *Veja*: “Mas orgulhoso de não ser a *Veja* (*Veja* que mentira!!!)”. Essa revista, ao contrário dos outros três, não seria nem subversiva, nem sensacionalista, de acordo com suas campanhas de marketing, ou seja, é apresentada como um veículo de informações confiável e transparente, cujo objetivo é manter o leitor informado da melhor maneira possível, com um conteúdo de qualidade. Essa seria uma estratégia para agregar em torno de si um público, mais exigente e de grupos sociais com maior escolaridade e com melhores condições de acesso ao ensino formal. Contudo, nesta revista há deturpações dos fatos, exploração de temas polêmicos pelo viés sensacionalista, visando ter um alto número de vendas e também visando o lucro, assim como os outros *media* citados, mas de modo que sua linguagem não reflita isso. Outro fator, é o prestígio dessa publicação, o qual é importante para impedir que se coloquem em dúvida as fontes e as notícias nessa revista semanal de grande circulação. Assim, acredito que ao escolher se aproximar dos outros três *media*, que de modo mais explícito se vinculam ao subversivo e ao sensacionalista, Dugueto desconstrói esse prestígio da revista *Veja* perante os seus leitores, mas sem se tornar o contrário dela, uma vez que “a demonização do adversário oculta as debilidades e a falta de perspectiva da própria agitação” (ENZENSBERGER, 1979, p. 60), pois, como diz Ferréz em um de seus contos, “ninguém é inocente em São Paulo”. Ampliando essa afirmação, nas relações de repressão e violência simbólica, pois essa “se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também, com frequência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou sofrê-la” (BOURDIEU, 1997, p. 22).

Assim, a crítica é feita de modo a marcar o seu posicionamento diante dessa revista e diante da atitude desta de mascarar o teor de seu conteúdo por propaganda de marketing, visando não só as vendas de exemplares, mas também as vendas de páginas para anunciantes.

O jornal também é objeto de crítica por parte do autor:

[...] para desbaratar o frio de indiferente de São Paulo pra quem dorme na calçada, ou pra cobrir quem morre na calçada. Afinal, jornal pra nós só serve pra isso mesmo. Será? Não! Não desconhecemos a relação incestuosa e despuorida que existe entre REPRESSÃO E MÍDIA. Televisiva e escrita (SHABAZZ, 2006, p.13).

Funções agregadas ao jornal, como “desbaratar o frio de indiferente de São Paulo pra quem dorme na calçada” e como “cobrir quem morre na calçada”, indicariam funções que prescindem de sua leitura. Contudo, quando Dugueto diz que jornal escrito serve para outras coisas e subliminarmente destaca a leitura, pois, para conhecer as relações que se erguem no interior do texto jornalístico, é necessário uma leitura atenta, capaz de proporcionar o entendimento da estrutura das notícias, para sua posterior desconstrução. A relação entre repressão e mídia apontada por Dugueto, pode se referir ao fato de que os jornais, televisivos ou escritos, funcionarem também como “instrumento[s] de manutenção de ordem simbólica” (BOURDIEU, 1997, p. 20), ou seja, reafirmando as formas exclusão social, fato percebido nas imagens da periferia cristalizadas e preconceituosas por eles veiculadas, como se vê no texto “Repressão e Mídia” de Dugueto:

TV no horário nobre promove, divulga a guerra.
Sem justiça ou paz uma vez mais julga a favela.
Na viela um trabalhador que volta do serviço.
Enquadrado, tratado como bandido (SHABAZZ, 2006, p. 72).

Aqui percebe-se que, muitas vezes, de acordo com o “senso comum”, se associa a periferia como local do crime por excelência e, por esse motivo, seus moradores seriam considerados criminosos em potencial. Aproveitando-se disso, os jornais manipulam a notícia, construindo uma imagem da periferia que reforça a exclusão social. Em texto cujo título é “Repressão e mídia”, Dugueto aponta para o que foi dito anteriormente “Não somos todos bandidos, nós marginalizados./ mas calados ou não, estamos criminalizados” (SHABAZZ, 2006, p. 76). Assim a “literatura periférica”, por ter-se feito ouvir há pouco tempo no panorama da literatura brasileira, seria uma forma de mostrar (não só pelo assunto abordado nos textos, mas pela forma como este é abordado) que a periferia não corresponde a essas imagens midiáticas, criadas como forma de reforçar a exclusão social, de justificar ações policiais, entre outras formas de repressão.

Dugueto, como forma de marcar na linguagem o seu lugar de enunciação, afirma no “Manifesto Jugular” que aquele que não percebe as associações feitas por ele ao longo do texto, teria problemas de compreensão, pois

se não ta entendendo, só lamentos, mas o idioma aqui é o ebanês, moro?!! É que muito já foi escrito e dito em português de coronéis, de capitães, doutores, sociólogos, criminalistas e até dos metido a revolucionário que querem ser donos da cultura brasileira. Não! Definitivamente não! Não falamos português, não. Nosso latim é afroavelizado (SHABAZZ, 2006, p.13).

Dessa forma, ao criar uma identidade para a escrita, o autor afirma seu local de enunciação, de modo a mostrar que esse não é cristalizado como querem os jornais escritos e televisivos. Acredito que esta citação pode ser associada à seguinte formulação de Glissant acerca da concepção de identidade como rizoma:

[...] identidade como rizoma, [a] identidade não mais como raiz única mas como raiz indo ao encontro de outras raízes. Assim que formulamos essa afirmação, os problemas se revelam inquietantes, porque quando falamos de identidade raiz indo ao encontro de outras identidades, temos a impressão de uma ameaça de diluição (GLISSANT, 2005, p.27-28).

Ao dizer que “o nosso latim é afroavelizado”, Dugueto recorre a um passado histórico que se relaciona diretamente com a formação das favelas e com as construções identitárias que nela se encontravam e a forma como interagiam entre si sem se diluir. Inicia-se com a escravidão, especificamente, no contato da língua portuguesa com as línguas dos escravos negros, pois estes, ao falarem o português, imprimiam neste algumas marcas fonéticas e sintáticas de sua língua materna. Acredito que após isso, outro fator importante seria a existência dos quilombos ao redor das cidades, os quais, segundo Carril, após a abolição passaram a abrigar populações pobres. Dentre elas destacam-se, principalmente, as negras. Abrigavam ao lado dessas, também as constituídas por brancos pobres e imigrantes nacionais (principalmente, nordestinos) ou estrangeiros. É interessante pensar que cada um desses grupos tinha o seu modo de falar o português, seja pela variação regional, no caso dos imigrantes nacionais, seja pelas marcas da língua materna, no caso dos imigrantes de outros países. Assim, os quilombos, ao longo do tempo e das modificações que sofreram ao serem integrado ao espaço urbano¹², “perderam a função social de lugar de resistência, mas não a função como lugar de moradia” (CAMPOS, 2007, p. 62). Assim a periferia se mostra como um espaço em que

¹² No caso de São Paulo, as populações dos quilombos urbanos, devido aos processos de modernização da cidade, foram deslocadas, cada vez mais para as periferias da cidade, de modo que permanecessem invisíveis ao poder público e às camadas médias e altas da sociedade (Carril, 2006). A partir da década de 1980, transformações “estão gerando espaços nos quais diferentes grupos sociais estão muitas vezes próximos, mas estão separados por muros e tecnologias de segurança, e tendem a não circular ou interagir em áreas comuns” (CALDEIRA, 2008, p. 211).

identidades coabitam o mesmo território, como “raiz indo ao encontro de outras raízes”, mas que tem como um ponto em comum a experiência de um cotidiano perpassado pelo desamparo (no que se refere á saúde, á educação e à segurança) e pela violência (seja a simbólica, a criminal ou a policial).

Dessa forma, Dugueto ao caracterizar a linguagem por ele utilizada em seu livro como “ebanês”, como “latim afrofavelizado”, a contrapõe ao “português de coronéis, de capitães, doutores, sociólogos, criminalistas e até dos metido a revolucionário que querem ser donos da cultura brasileira”, o qual caracteriza a norma de prestígio na sociedade brasileira. Assim, essa língua marcada pelo encontro de identidades rizomáticas seria o veículo pelo qual se faz uma crítica aos meios de comunicação em massa, como o jornal escrito e o televisivo.

Essas mídias, visando atingir um público cada vez maior, recorrem a uma linguagem na qual não se consegue ver o sujeito de sua enunciação, ou seja, é uma linguagem em que se busca direcionar o raciocínio do leitor ou do espectador, como forma de manutenção da ordem simbólica, mas que, por tender a se homogeneizar entre as emissoras e entre as redações, até como forma de manter a concorrência, acaba se despidendo do sujeito da escrita para que dela surja uma informação, que seja sustentada por si só, independente do olhar de quem a selecionou e/ou escreveu. Desse modo, na linguagem jornalística há uma sucessão de “lugares comuns”, os quais

desempenham um papel enorme na conversação cotidiana têm a virtude de que todo mundo pode admiti-los instantaneamente: por sua banalidade, são comuns ao emissor e ao receptor. Ao contrário, o pensamento é, por definição subversivo: deve começar por desmontar as “idéias fixas” e deve em seguida demonstrar (BOURDIEU, 1997, p. 41).

A linguagem literária em Dugueto, pretende desmontar essas “idéias fixas” acerca da periferia, seja pela sua identidade construída como um rizoma, seja pela forma com que expõe os mecanismos de repressão, violência e exclusão. Assim, pode o autor afirmar que “As questões periféricas agora são centrais, jugulares. E serão viscerais” (SHABAZZ, 2006, p.15). Com isso, as notícias jugulares às quais se remete o título do livro, seria cada um dos textos que o compõe, os quais atuam para a desconstrução dessas “idéias fixas” acerca da periferia. Além disso, também à maneira de um rizoma, dialogam entre si, permitindo trânsitos de significados, mas sem se diluírem ao longo de **Notícias Jugulares**. Desse modo, o “Manifesto jugular”, por apresentar as propostas do autor, algumas das quais foram aqui analisadas, e por trazer em si alguns títulos em caixa alta referentes aos textos da parte intitulada “Rápido e rasteiro”, funciona como a jugular do livro, ou seja, local vital de onde partem as articulações entre os textos que compõem o livro.

3. O que pode o livro e a literatura?

Para finalizar algumas das discussões apontadas pelo livro de Dugueto, passo a pensar de que modo o suporte livro e a literatura ainda mantêm seu espaço em um contexto, no qual

Vivemos sob uma chuva ininterrupta de imagens, os *media* todo-poderosos não fazem outra coisa senão transformar o mundo em imagens, multiplicando-o numa fantasmagoria de jogos de espelhos – imagens que em grande parte são destituídas da necessidade interna que deveria caracterizar toda imagem, como forma e como significado, como força de impor-se à atenção, como riqueza de significados possíveis. Grande parte dessa nuvem de imagens se dissolve imediatamente como os sonhos que não deixam traços na memória [...]. (CALVINO, 2008, p. 73).

A falta de memória que se percebe nessa seqüência de imagens esvaziadas, as quais pretendem apresentar o mundo àquele que as observa, é destituída de um sentido crítico, pois o referencial das imagens é um mundo des-historicizado, tão fantasmagórico quanto aquele que surge pela sua associação. Essa falta de memória se vê também na

visão des-historicizada e des-historicizante, atomizada e atomizante, encontra sua realização paradigmática na imagem que dão do mundo as atualidades televisivas, sucessão de histórias aparentemente absurdas que acabam todas por assemelhar-se, desfiles de acontecimentos que, surgidos sem explicação, desaparecerão sem solução, [...] e que, assim despojados de toda a necessidade política, podem apenas, no melhor dos casos, suscitar um vago interesse humanitário (BOURDIEU, 1997, p. 141).

Assim à des-historicidade das imagens, se associa a despolitização. Como resultado disso, o espectador se sente impotente diante do mundo e crê que nada pode fazer diante dele, senão esconder-se e proteger-se desse universo perpassado por imagens sensacionalistas, que criam um mundo a partir de uma visão cristalizada de valores, cujo objetivo é manutenção da ordem simbólica, incentivando pensamentos “xenófobos, racistas, assim como a ilusão de que o crime e a violência não cessam de crescer” (BOURDIEU, 1997, p. 141-142). Assim essa construção social da realidade, ao contrário de informar e de criar formas críticas de ação por parte dos espectadores, termina por desmobilizá-lo, uma vez que ele precisa se proteger, no presente, dessa falta de forma da vida que se constata a partir da amnésia provocada por essa sucessão de imagens televisivas, que não possuem relação alguma com o passado nem com o futuro, que importam somente no momento de sua aparição para depois desvanecer.

Na proposta de Dugueto, em **Notícias Jugulares**, busca-se historicizar o momento de sua enunciação, carregando-o de “agoras” (BENJAMIN, 1996, p. 229) que contestam o *continuum* da história, homogêneo e vazio, apresentado pelo “discurso oficial”. Assim, o texto desse autor não colabora para que a ordem simbólica seja mantida, mas para que seja

desconstruída pela historicidade dos “agoras” que habitam seus textos, os quais dialogam com o tempo homogêneo, para mostrar a precariedade desse, para romper, de modo crítico, o *continuum* da história no presente.

A literatura permitiria essa forma de articulação por ser “uma dessas mínimas porções nas quais o existente se cristaliza numa forma, adquire um sentido, que não é nem fixo, nem definido, nem enrijecido numa imobilidade mineral, mas tão vivo quanto um organismo” (CALVINO, 2008, p. 84). Assim, a literatura “tem por função a comunicação entre o que é diverso pelo fato de ser diverso, não embotando, mas antes exaltando a diferença, segundo a vocação própria da linguagem escrita” (CALVINO, 2008, p. 58). Desse modo, a literatura se diferencia do enrijecimento, característico de grande parte dos produtos midiáticos, destinados a homogeneizar, não só o gosto do espectador, mas também as formas de percepção deste, conformando o objeto com as categorias de percepção do receptor (BOURDIEU, 1997, p. 63).

Desse modo, se forem consideradas as discussões apresentadas ao longo deste trabalho, em relação ao objeto livro como suporte da literatura, podemos perceber que, na “literatura periférica”, são postos em questão a estética, o suporte e o preço final do produto livro, de maneira que dialoguem com a cultura de massa e com o mercado responsável pela sua difusão, para, assim, encontrarem uma alternativa que possibilite uma melhor circulação do texto literário a partir do suporte de leitura que é o livro. Contudo esse diálogo que se estabelece, não visa transformar a “literatura periférica” no contrário dos *mass media*, mas se apropriar de elementos desse, ressignificando-os, ou seja, imprimindo neles a sua marca, para que este ato tenha uma significação política, para que este ato desconstrua imagens cristalizadas da periferia, de modo que essa crítica reflita sobre sociedade como um todo, pois, segundo Dugueto, “A fita é tão louca que até ser o contrário deles é medíocre...”

De acordo com Walter Benjamin, na época da escrita de seu texto “A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica”, “a palavra de ordem” do discurso fascista era *Fiat ars, pereat mundus* (BENJAMIN, 2005, p. 254), pois ao estetizar a guerra, o prazer estético viria atrelado à destruição do mundo, não só dos territórios e das vidas que nele habitavam, mas também a destruição de valores éticos, políticos, que refletiam nessa arte pela arte, cujo prazer estético adviria do observar da autodestruição do homem. Se deslocarmos essa observação de seu contexto, hoje, não é somente a guerra, como Benjamin a conheceu, que é estetizada, mas “guerra” criada pelos jornais, pelas revistas, pelos programas de variedades, utilizando material humano, exibindo vidas perpassadas pela pobreza, pela violência, pelo desamparo, por meio da atuação e difusão dos *mass media*. Ao lado disso que se observa nos meios de comunicação em massa, a literatura, por apresentar “um sentido, que não é nem fixo,

nem definido, nem enrijecido numa imobilidade mineral, mas tão vivo quanto um organismo” (CALVINO, 2008, p. 84), propõe ao seu leitor que esse, durante a leitura, desvende e ao mesmo tempo em que cria, ou seja, que desvende criando e, ao mesmo tempo, crie pelo desvendamento (SARTRE, s/d, p. 37), tendo, conforme o que foi dito, a sua participação requisitada para, assim, despertar a sua reflexão crítica, a qual, por sua vez, auxiliaria esse leitor a perceber os processos de homogeneização, de esvaziamento, de des-historicização e de esquecimento, provocado pela ação dos *mass media*, por razões já apontadas em outro momento deste texto.

Dessa forma, considerando o que foi dito a respeito das imagens criadas pela mídia, a “literatura periférica” por contar com “o fio da percepção autodidata lendo as entrelinhas subliminares dos becos, dos loucos, das fitas, dos putos” (SHABAZZ, 2006, p.13), teria as suas formas de desvendamento, seja na feitura do objeto livro, seja na feitura dos textos, nos quais a marca identitária à maneira de um rizoma, percorre caminhos para além dos limites físicos das periferias. Isso mostra que essa atitude reflexiva que marca a “literatura periférica” pode estar vinculada àquilo com Benjamin termina o texto acima citado, de modo que a resposta da periferia às cristalizações, aos processos silenciosos ou explícitos exclusão, ao esforço da mídia para a manutenção da ordem simbólica é politizar a arte (BENJAMIN, 2005, p. 254), por meio do entrelaçar de reflexões estéticas, políticas e sociais.

ABSTRACT: This paper intends to analyze Notícias Jugulares, by Dugueto Shabazz. Its focus will be the discussion about the importance and the role of the book in "peripheral literature". In addition to this, there is the purpose of discussing briefly how the mass media and how new medias can influence the development of reading and editing of literary works.

Key-words: Dugueto Shabazz; “Peripheral literature”; *Mass media*; Book.

Referência Bibliográfica:

BENJAMIN, Walter. A Obra de Arte na Época de Sua reprodutibilidade Técnica. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). Teoria da Cultura de Massa. 7.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

_____. Obras Escolhidas I: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BOURDIEU, Pierre. Sobre a televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Ed. 34; Edusp, 2000.

- CALVINO, Ítalo. Seis propostas para o próximo milênio. 3. ed. 6. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2008
- CARRIL, Lourdes. Quilombo, Favela e Periferia: a longa busca da cidadania. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2006.
- CHARTIER, Roger. Os desafios da escrita. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- ENZENSBERGER, Hans Magnus. Elementos para uma teoria dos meios de comunicação. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.
- GARCIA CANCLINI, Néstor. Leitores, espectadores e internautas. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- GLISSANT, Édouard. Introdução a uma poética da diversidade. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). Cultura e Desenvolvimento. Rio de Janeiro: Aeroplano: 2004.
- ROSA, Allan da. Entrevista concedida ao programa Entrelinhas da TV Cultura. Disponível em: <http://www.edicoestoro.net/videos/programas-tv-cultura/entrelinhas-entrevista-allan-da-rosa.html>. Acessado em: 05/01/2010.
- SANTIAGO, Silviano. Vale quanto pesa. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1982.
- SHABAZZ, Dugueto. Notícias Jugulares. São Paulo: Edições Toró, 2006.